

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA PUCRS (DOUTORADO)

Instituto de Letras e Artes

- Lingüística Aplicada
 - Teoria da Literatura
 - Recredenciado pelo Parecer nº 639/93 do C.F.E. de 07/10/93
 - Conceito CAPES: A
- Informações: ILA- Fone (051) 339.1511 - ramal 3176

JOAQUIM NORBERTO E A REVISTA POPULAR

MARIA EUNICE MOREIRA
PUCRS

A partir de 8 de maio de 1808, com a assinatura do Decreto imperial que cria a Imprensa Régia, o Brasil marca seu ingresso na vida jornalística. Impedido até então do exercício dessa atividade, o País registra um surto de jornais e de revistas nos quais a Ciência, a História, a Política e a Literatura expõem suas idéias, num duplo intuito: recuperar o tempo perdido e, sobretudo, procurar espelhar a feição do País.

As revistas literárias, que nascem principalmente no contexto histórico-cultural do período pós-independência, orientam-se por uma entonação nacionalista, contida no bojo do Romantismo emergente, e provocam a discussão sobre um dos temas candentes da época, qual seja, a origem, a formação e o caráter da literatura brasileira.

Na propagação das novas idéias literárias, a Faculdade de Direito de São Paulo tem sua importância reconhecida junto com a de Recife. Em 1833, um grupo de professores e alunos funda a Sociedade Filomática, uma agremiação de propósito nacionalista, cujas idéias são veiculadas nas páginas da *Revista da Sociedade Filomática*. Nos dois números conhecidos desse periódico, destacam-se as contribuições de Justiniano José da Rocha e José Salomé Queiroga, afinadas pela pergunta do último: *Pois o Brasil deve continuar a ver em sua ex-metrópole política, a literária metrópole? Não: por Deus.*

Semelhante propósito reúne o Grupo Fluminense; responsável pela edição de outra revista, de expressão mais reconhecida: a *Niterói*, revista brasiliense de Ciências, Letras e Artes, fundada em 1836. Agregados pela divisa "Tudo pelo Brasil, e para o Brasil", o grupo de intelectuais liderado por Gonçalves de Magalhães manifesta a intenção de discutir a autonomia literária do Brasil e, segundo Antonio Candido, tem plena consciência da transformação e claro intuito de promovê-la, praticando-a intencionalmente. Para os componentes da *Niterói* a literatura nova constitui projeto consciente a ser formulado, a partir da convicção de que a literatura, à semelhança de outras áreas, está empenhada na criação da nação brasileira.

Em 1843, outra revista aparece no cenário brasileiro, reforçando a discussão em torno da autonomia literária nacional: a *Minerva Brasiliense*,

que se apresenta como um jornal de ciências, letras e artes publicado no Rio de Janeiro por uma associação de literatos. Inicialmente sob a liderança de Torres-Homem, do Grupo Fluminense, logo passa à direção de Santiago Nunes Ribeiro, que a mantém até 1846, com algumas modificações. Mais duradoura que suas antecessoras, a *Minerva* também distingue-se das anteriores pela polêmica que gerou em suas páginas, envolvendo nomes como Santiago Nunes Ribeiro, General Inácio de Abreu e Lima, José da Gama e Castro, Cônego Januário da Cunha Barbosa e Joaquim Norberto de Sousa Silva. Conhecida como a "polêmica da *Minerva* Brasileira", a longa discussão centraliza-se em torno de argumentos e contra-argumentos sobre a existência da literatura brasileira.

Nenhum desses periódicos, porém, tem a importância e a circularidade da *Revista Popular*, fundada no Rio de Janeiro, em 1859. Órgão do Romantismo, a *Revista Popular* é considerada, no período de sua circulação, que se estende até 1862, o centro dinâmico na renovação das idéias literárias. O interesse da revista pelos assuntos nacionais e o endosso ao programa nacionalista pode ser comprovado pelas publicações de um de seus colaboradores mais assíduos; Joaquim Norberto de Sousa Silva.

Joaquim Norberto e a *Revista Popular*

Com experiências na *Minerva Brasileira*, onde esteve envolvido na polêmica mencionada, é na *Popular* que Joaquim Norberto expõe suas idéias e ocupa centenas de páginas da publicação. Um levantamento dos textos publicados entre 1859-1862 permite que se constate que, nos 16 números que constituem o volume da *Revista Popular*, o nome de Joaquim Norberto assina artigos em todos os exemplares, sob seu próprio nome. O inventário ainda fica maior, quando se sabe que, além desse nome, escreve também sob, pelo menos 2 pseudônimos; Fluviano, derivado de fluvius (rio), para designar o nascido no Rio de Janeiro, e Achimbert ou Jonor Achimbert, anagramas do nome que; certo dia, o diretor da escola para onde o designara seu tio lhe havia imposto, como forma de não o confundir com outros Joaquins, Sousas e Silvas que proliferavam no estabelecimento. (Segundo consta em sua biografia, o diretor tomou-lhe o nome original – Joaquim José de Sousa Silva e disse-lhe; *Já temos por aqui muitos Joaquins, muitos Sousas e muitos Silvas, um Sousa Silva e outro Silva Sousa. É uma confusão... Norberto é que não temos nenhum. O senhor chamar-se-á Norberto...* Desde então, Joaquim José passou a ser Joaquim Norberto).

Sob esses pseudônimos, Joaquim Norberto encobria a face jocosa do homem sério com a qual socialmente era reconhecido. Para os artigos nos

quais predomina o tom cômico e jocoso, ele parece optar pela máscara de Fluviano, muito embora ela não se mantenha uniformemente. As colaborações sob tal pseudônimo são registradas nos exemplares de número 12, 13, 14 e 15 da revista. Neles, Fluviano escreveu, respectivamente um texto intitulado "Derivações equívocas. Suplemento ao dicionário etimológico de Constancio", constituídas por brincadeiras jocosas com letras e palavras, como, por exemplo.

– A: letra que todos afirmam há;

– Boi: sujeito que muda de sexo quando entra no açougue;

– Madama; mulher má.

mas escreveu também outra série de publicações em que, abandonando o tom espirituoso ou cômico, adentra pela história do Brasil, para interpretar fatos e recuperar dados. Na primeira direção, publicou "Palestra brasileira. Investigações dos tempos históricos. As primeiras coisas do Brasil. História para prólogo" e um conjunto de textos intitulados "Efemérides nacionais ou recordações históricas para a presente quinzena" em que revisita os séculos coloniais para ordená-los e registrar datas. Assim, tomando por referência a quinzena de 1º a 15 de abril, reporta-se aos séculos passados, anotando:

– Abril – de 1 a 15

I – 1868 – Toma posse do governo da capitania do Pará o Capitão-Mór Paulo Martins Garro ou

1759 – Chega a Belém, capital do Pará, de volta do Rio Negro, o ex-Governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

Neste exercício, atinge o dia 15, recuperando a história em sucessivos anos e locais, o que, evidentemente, exigiu uma pesquisa exaustiva pelas trihas da história do Brasil, a qual tinha acesso nos arquivos do recém instalado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde atuou até 1891.

Se é difícil reconhecer quando Joaquim Norberto toma a face de Fluviano, pois que com ela transita pelo sério e pelo fútil, também não é fácil reconhecer por que apela para Achimbert ou Jonor Achimbert para publicar seus textos. O trabalho de elucidação torna-se mais complexo, quando, sob esse pseudônimo encontram-se apenas dois textos na *Revista Popular*: "Palestra do dia", em que relata algumas das anedotas circulantes durante a festa de inauguração da estátua equestre de D. Pedro, no Rio de Janeiro, e "O Brasil ilustrado pelos estrangeiros. Progresso da indústria. Coisas estupendas – descobertas admiráveis", no qual analisa a situação industrial brasileira.

É, contudo, com seu nome próprio, que Joaquim Norberto de Sousa Silva preenche páginas e páginas da *Revista Popular*. Nos dezesseis nú-

meros de circulação do periódico, em dois, particularmente, avulta sua participação: nos números 5 e 7, respectivamente, correspondentes aos tomos de janeiro a março de 1860, e julho a setembro do mesmo ano. Neles, publicou matéria em gêneros diversos; poesia, teatro, ensaio e crítica, abordando temas de História do Brasil, História da Literatura e Crítica Literária, conforme segue:

– **Tomo 1**

- Brasileiras célebres (2)

– **Tomo 2**

- Brasileiras célebres (2)
- Tendência dos selvagens brasileiros para a poesia

– **Tomo 3**

- Brasileiras célebres (3)
- Tendência dos selvagens brasileiros para a poesia
- Catequese e instrução dos selvagens brasileiros pelos jesuítas

– **Tomo 4**

- Brasileiras célebres (2)
- O Instituto Histórico
- Poesias dos selvagens brasileiros
- Introdução histórica sobre a literatura brasileira

– **Tomo 5**

- Brasileiras célebres (3)
- Introdução histórica sobre a literatura brasileira
- Considerações gerais sobre a história brasileira
- Poemas (6)

– **Tomo 6**

- Brasileiras célebres (2)
- Considerações gerais sobre a história brasileira
- Nacionalidade da literatura brasileira

– **Tomo 7**

- Nacionalidade da literatura brasileira (4)
- Dicionário bibliográfico português
- Poemas (7)

– **Tomo 8**

- Brasileiras célebres (1)
- Beatriz ou os franceses no Rio de Janeiro – ópera cômica
- Poemas (5)
- Epitáfio (1)

– **Tomo 9**

- Brasileiras célebres (1)
- Estudos históricos sobre as primeiras tentativas para a independência nacional
- Originalidade da literatura brasileira (2)
- Beatriz ou os franceses no Rio de Janeiro – ópera cômica
- Poemas (2)

– **Tomo 10**

- Brasileiras célebres (1)
- Estudos históricos sobre as primeiras tentativas para a independência nacional
- Colombo ou o descobrimento da América – ópera lírica (2)

Neste número, aparece sua primeira colaboração sob o pseudônimo de Achimbert, no artigo "O Brasil ilustrado pelos estrangeiros. Progresso da indústria. Coisas estupendas – descobertas admiráveis", já mencionado acima.

– **Tomo 11**

- Brasileiras célebres (1)
- Poema (1)

Sob a assinatura Achimbert, publica o estudo "Obras estrangeiras sobre o Brasil".

– **Tomo 12**

- Brasileiras célebres (1)
- Poetas moribundos

Como Fluviano, escreve as "Derivações equívocas. Suplemento ao dicionário etimológico de Constâncio".

– **Tomo 13**

Todas as contribuições são assinadas por Fluviano;

- Efemérides nacionais ou recordações históricas para a presente quinzena. De 1 a 15 de janeiro, 16 a 31 de janeiro e 1 a 15 de fevereiro (3)
- Palestra brasileira. Investigações através dos tempos históricos. As primeiras coisas do Brasil. História para prólogo.

– **Tomo 14**

- Poetas repentistas

Neste número, publica com o nome de Fluviano:

- Novas definições. Suplemento as derivações equívocas e definições espirituosas

- Efemérides nacionais ou recordações históricas para a presente quinzena. De 1 a 15 de abril e de 1 a 15 de maio (2)

- Os homens célebres de todos os países

Com o nome de Achimbert, assina:

- Palestra do dia

– Tomo 15

- Brasileiras célebres

- As academias literárias e científicas no século décimo oitavo

Como Fluviano, escreve:

- Efemérides nacionais

– Tomo 16

Sob o nome Fluviano, escreve:

- Efemérides nacionais

Dessa extensa contribuição, interessa-nos particularmente os trabalhos publicados por Joaquim Norberto no campo da história da literatura, e que podem ser reunidos em 3 grupos; no primeiro, encontram-se os textos sobre a produção poética dos indígenas, arrolados sob o título de "Tendências dos selvagens brasileiros para a poesia"; no segundo, enquadram-se os estudos intitulados "Nacionalidade da literatura brasileira" e "Originalidade da literatura brasileira", no terceiro, situam-se os artigos denominados "Introdução histórica sobre a literatura brasileira".

Ao retomar o tópico sobre a existência de atividade artística entre os indígenas, Joaquim Norberto expande as idéias apresentadas na *Minerva Brasiliense*, quinze anos antes, agora revigoradas pela leitura que realizou das obras dos estudiosos dos povos primitivos; Léry, Juan de Valera e Montaigne, além de informações fornecidas por Gonçalves de Magalhães sobre a existência do registro de alguns cantos guerreiros nas bibliotecas dos mosteiros, especialmente da Bahia. A investigação de Norberto abrange Tamoios, Tupinambás, Caetés, Goitacases e Papanás e comprova a tendência dos selvagens para a poesia destacando os Tamoios, como os mais expressivos. Como resultado de sua pesquisa, conclui que, no plano temático, predominam as lamentações amorosas e, em especial, o tema da guerra e, para comprovar sua afirmativa, transcreve trechos de narrativas teogônicas atribuídas aos indígenas.

Para o historiador da literatura, empenhado em recolher as manifestações brasileiras, é interessante reconhecer que os índios apresentem temas para suas construções narrativas, formas para sua expressão e um veículo diferente para sua manifestação – a língua tupi. Norberto apóia-se em Ferdinand Denis, para quem as idéias poéticas renovam-se sob as condi-

ções externas do meio em que aparecem e reafirma o impulso concedido pelo francês na criação entre os índios. Denis atribui aos homens primitivos o papel de introdutores do teatro no País. Se Joaquim Norberto comprova a existência de textos poéticos entre os silvícolas, torna-se empreendimento mais fácil reconhecer que são eles os primeiros produtores literários. No momento em que a discussão sobre a autonomia da literatura brasileira ocupa espaço e busca argumentos, os índios aparecem como os salvadores para a questão da diferença entre a literatura nacional e a portuguesa.

No segundo grupo de textos – Nacionalidade e originalidade da literatura – Norberto também retoma tópicos já discutidos na *Minerva Brasiliense*, refutando a tese da identidade literária pela via lingüística, contida no bojo da polêmica entre o General Abreu e Lima, e o jornalista português Gama e Castro. Numa linha de pensamento semelhante à de Santiago Nunes Ribeiro, revida os argumentos contrários à tese de que os americanos só poderiam ter uma literatura nacional se tivessem língua próprias propondo que a identidade lingüística reúna as duas literaturas (a portuguesa e a brasileira) sob uma única expressão – literaturas de língua portuguesa. Embora unidas por um índice comum, cada manifestação literária expressaria suas diferenças, calcadas na separação espiritual entre as duas nações, observada desde os tempos coloniais.

O argumento de Norberto procura retirar outro entrave para o reconhecimento da independência literária brasileira, ainda sustentado por alguns representantes do segmento português, que vivem no Brasil. Enquanto para esses, a questão é discutível, para os nacionais, ela é pacífica; os escritores brasileiros diferenciam-se dos portugueses, a realidade americana é distinta da européia, razão por que a existência da literatura nacional – é incontestada e permite que Joaquim Norberto expresse essa idéia, em nome do Brasil: *Passa em aresto a questão da nacionalidade de nossa literatura. Para os brasileiros é ela mais que líquida*. O caminho traçado por Joaquim Norberto, na *Revista Popular*, vai tomando a direção certa e abrindo espaço para a etapa seguinte. Neste caso se a literatura brasileira existe e possui uma conformação especial, há que narrar a sua história para tornar verossímil o seu percurso. A tarefa permanece inconclusa, pois Norberto não chega a escrever a alentada história da literatura a que se propunha. No entanto, a periodologia que delineara no estudo introdutório a seu livro, *Modulações poéticas*, de 1841, é retomada no artigo da *Popular*. A nova divisão leva em conta as observações de Santiago Nunes Ribeiro, para quem Norberto deixara de considerar as evoluções íntimas da literatura, na primeira proposta.

A resposta de Joaquim Norberto reafirma a proposta apresentada em, *Modulações poéticas*, mas acata a sugestão de que, nessa primeira tentati-

va, houve um excesso em classificar por épocas as menores evoluções, quando eram apenas modificações ou transições de uma para outra. Por isso, com pequenas alterações, apresenta a seguinte periodologia:

- Primeira época: do descobrimento do Brasil até fins do século XVII;
- Segunda época: do começo até meado do século XVIII;
- Terceira época: do meado até o fim do século XVIII;
- Quarta época: do começo do século XIX até a proclamação da independência nacional;
- Quinta época: da proclamação da independência até a reforma da poesia;
- Sexta época: a reforma da poesia.

A proposta remonta ao início da história do Brasil para se referir às tribos indígenas e salientar sua vocação poética. No entanto, o papel preponderante a eles atribuído, nos primeiros artigos publicados na *Popular*, cede lugar a um reconhecimento mais modesto: eles participaram das atividades desenvolvidas pelos jesuítas.

Os autores brasileiros são registrados a partir do século XVI, quando se desenrola a Guerra Brasileira, movida contra os invasores estrangeiros, principalmente os holandeses. A referência é significativa, pois ela indicia a formação de um sentimento nacionalista nos habitantes do País, que se opõem às forças européias, violadoras do território. É, porém, no século seguinte, que os espíritos voltam-se para as "coisas da pátria", segundo o autor, e a literatura abre-se para os episódios verdadeiramente brasileiros. Dessa fase, dos cantos nacionais de Cláudio Manuel, Silva Alvarenga, Basílio e Santa Rita, atinge-se a subsequente, na qual a independência política e a obra de Gonçalves de Magalhães estabelecem a ruptura definitiva, consagrando-se a expressão da nacionalidade.

A importância da colaboração de Joaquim Norberto de Sousa Silva, na *Revista Popular*, resulta do volume do material por ele publicado ao longo dos anos de 1859 a 1862, da variedade de matérias de sua autoria que inclui no periódico, mas, sobretudo, pelo trajeto por ele traçado em relação à literatura brasileira. Das discussões iniciais em torno da produção política dos primeiros habitantes, necessária para que se estabeleçam critérios diferenciadores com a literatura portuguesa, passa à apresentação de teses confirmatórias da existência de um patrimônio artístico original e chega ao delineamento de uma história da literatura, como forma de oferecer a prova incontestável para seu reconhecimento. Colocados nesta perspectiva, os artigos publicados na *Popular* secretam outro sentido: a afirmação do nacional, como critério determinante para a organização do passado literário, alinhando autores e obras, numa dupla perspectiva: a temporal,

que os distribui segundo uma cronologia sucessiva de datas e acontecimentos; a estética, que os destaca e valoriza em cada etapa ou fase da divisão anterior.

Essa contribuição é extremamente importante para o futuro da história da literatura no Brasil, pois a proposta de Joaquim Norberto norteou os historiadores posteriores, que à sua imagem e semelhança, dispõem o material literário subsequente e ditarão as normas para a elaboração da literatura nacional.